



Este artigo está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribuição 3.0 Unported.

Você tem direito de:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato

Adaptar — remixar, transformar, e criar a partir do material para qualquer fim, mesmo que comercial.

De acordo com os termos seguintes:

Atribuição — Você deve dar o crédito apropriado, prover um link para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de maneira alguma que sugira ao licenciante a apoiar você ou o seu uso.

Sem restrições adicionais — Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.



This article is licensed under a Creative Commons Attribution 3.0 Unported License.

You are free to:

Share — copy and redistribute the material in any medium or format

Adapt — remix, transform, and build upon the material for any purpose, even commercially.

Under the following terms:

Attribution — You must give appropriate credit, provide a link to the license, and indicate if changes were made. You may do so in any reasonable manner, but not in any way that suggests the licensor endorses you or your use.

No additional restrictions — You may not apply legal terms or technological measures that legally restrict others from doing anything the license permits.

MERIDIANO 47



INSTITUTO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ISSN 1518-1219

Boletim de Análise de Conjuntura em Relações Internacionais

Nº 57
Abril – 2005

S U M Á R I O

- 2 ***Kennan: o primeiro 'estrategista' da Guerra Fria***
Virgílio Arraes
- 6 ***Questão de Taiwan – De volta ao futuro ou em frente para o passado***
Paulo Antônio Pereira Pinto
- 8 ***No meio do caminho tinha um mercado: troços dos anti-globalizadores***
Paulo Roberto de Almeida
- 10 ***O IBRI e o Brasil***
José Flávio Sombra Saraiva
- 12 ***Porque cresce a demanda e a oferta de formação especializada em nível de graduação na área de Relações Internacionais***
Antônio Carlos Lessa

Resenhas

- 16 ***Obstáculos ao crescimento das exportações: Sugestões para uma Política Comercial***
Felipe B. Itaborahy
- 18 ***A identidade internacional do Brasil***
Sylvia Ferreira Marques

Kennan: o primeiro ‘estrategista’ da Guerra Fria

Virgílio Arraes*

Não obstante a permanente lembrança de ter sido o primeiro arquiteto – e, posteriormente, a primeira referência intelectual – da confrontação bipolar, George Kennan, falecido aos 101 anos em março, nunca se encaixou no papel tradicionalmente a ele atribuído desde o envio do mais famoso telegrama da recente história da política externa norte-americana.

Ao ditar em 8 mil palavras, em fevereiro de 1946, a partir de Moscou, onde servia como ministro-conselheiro, o documento mais tarde conhecido como o *Extenso Telegrama*, Kennan havia iniciado as bases da futura doutrina de contenção, aplicada de modo equivocado, em sua visão, ao longo de décadas por exatamente privilegiar mais aspectos militares – visto que ele não contemplava a guerra aberta – que diplomáticos e políticos – ainda que não desconsiderasse a execução de ações clandestinas.

Seu conceito de contenção significava contrapressão – como o uso da propaganda via a Rádio Europa Livre, captada ao leste, cuja influência seria reconhecida por Vaclav Havel e Lech Walesa, por exemplo – ainda que destacasse que o poder soviético era impenetrável à lógica da razão, porquanto altamente sensível ao instrumento da força.

Aliás, após considerações de ordem psicológica, histórica e política, chegaria à conclusão de que uma sociedade livre poderia superar uma ditadura, desde que inspirada pelos seus próprios valores e instituições moldados ao longo da formação do país.

Mesmo assim, sentir-se-ia incomodado em ser associado intelectualmente à política industrial de caráter bélico que se desenvolveria a partir dos anos 50 – o próprio General Eisenhower tardiamente registraria o equívoco de tal concepção – e duraria até o final da Guerra Fria, sob a gestão dupla de Reagan. De certo modo, ele serviria de contrabalanço

na disputa interna que havia entre colaborar – mais adeptos entre os antigos partidários de Roosevelt – e confrontar-se com os soviéticos.

Pouco depois do telegrama, retornaria aos Estados Unidos ao ser lotado na Academia Nacional de Guerra, sob os auspícios do Comandante da Marinha James Forrestal, para ocupar o segundo posto na área de política internacional, onde teria a oportunidade de desenvolver as premissas de seu telegrama e publicá-lo, em julho de 47, sob o pseudônimo de sr. X, como as *Fontes do comportamento soviético*, na Foreign Affairs.

A partir de então, desfrutaria de prestígio e, simultaneamente, de desassossego pela sua redação refletida de modo ambíguo – reconheceria isto em suas próprias memórias. De fato, em 1950, seu sucessor na chancelaria americana, na área de planejamento, Paul Nitze, redefiniria o escopo da contenção, por meio do memorando NSC 68, ao enfatizar o aspecto militar do posicionamento do país.

Três anos depois, seria nomeado assessor de Dean Acheson, mas manifestaria desacordo com a política adotada em relação à Guerra da Coréia, de forma que deixaria o Ministério e iria para Princeton por convite do físico Robert Oppenheimer, ex-Diretor do Projeto Manhattan, criado para o desenvolvimento de armas atômicas durante a II Guerra Mundial.

Entrementes, o seu tradicional estilo diplomático não seria esquecido: após a exoneração em abril de 1951 do General MacArthur, por discordâncias com o manejo do confronto, ele seria convidado pelo governo americano para negociar secretamente com Yakov Malik, então Embaixador soviético junto às Nações Unidas. O futuro cessar-fogo adviria, em parte, destas negociações.

Com seu retorno, terminaria por ser convidado para chefiar a Embaixada dos Estados Unidos na União

* Professor do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (IREL-UnB).

Soviética em março de 52. Ali ficaria somente cinco meses, ao ser declarado *persona non grata* pelo governo soviético ao comparar, em uma entrevista, o estilo de vida dos cidadãos sob regime comunista à experiência dos internos na Alemanha nazista.

A partir de então, ficaria isolado no Ministério. Seria convidado para trabalhar na CIA por causa de sua experiência em operações secretas, por Allen Dulles, irmão do Ministro Foster, mas não aceitaria, aposentando-se administrativamente da carreira diplomática.

Em 61, Kennedy o convidaria para ser Embaixador na Iugoslávia. No mesmo ano, fracassaria em dissuadir o Presidente Kennedy para não decretar a Semana dos Países Cativos – resolução do Congresso de 1959, referente notadamente a países comunistas, vigente até os dias atuais – por provocar tensão diplomática desnecessária. Em 1963, retornaria definitivamente a Princeton.

De sua prolífica produção, obteria o Pulitzer de História e o National Book de Não Ficção para **Russia Leaves the War: Soviet-American relations, 1917-20** em 1957 e outro Pulitzer na área de História e Biografia e o National Book de Biografia para **Memoirs: 1925-50** em 1968.

Seria crítico ardoroso da intervenção no Vietnã, mas mudaria seu ponto de vista em relação à participação parlamentar na política externa. Para ele, o Congresso poderia auxiliar o governo, ao supervisionar as atividades desenvolvidas, de forma que moderasse, em algumas ocasiões, o ímpeto do Executivo.

Porém, desde antes, ficaria o fardo para Kennan por involuntariamente ter propiciado parte substantiva do arcabouço intelectual para o estabelecimento da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), Doutrina Truman, divisão das Alemanhas – em sua visão, deveria ela ser unificada e neutra –, presença militar no Japão e desenvolvimento de armas de destruição em massa (ADM)s).

Quanto ao processo de militarização, mesmo com o fim dos regimes comunistas no Leste europeu, ele nunca aceitaria a expansão da OTAN para próximo

das fronteiras russas. Em 97, afirmaria que o prolongamento da organização poderia ser o pior erro da política externa americana do pós Guerra Fria, por estimular impulsos antiocidentais e nacionalistas na Rússia, que se expressariam por mais corrida armamentista – seria uma ressuscitação do ambiente bipolar.

Kennan, desde o início, havia intencionado descrever o perfil soviético de um momento histórico específico: para ele, os soviéticos, em face de sua herança absolutista russa acrescida dos valores comunistas, estavam inclinados a expandir-se e, por conseguinte, manter-se opostos ao Ocidente, a despeito dos esforços conciliadores – contra-produtivos e inúteis em sua visão – desenvolvidos ao longo da II Guerra Mundial. Destarte, não se devia cogitar a idéia de convívio, mas de competição. Entretanto, ele nunca consideraria a Guerra Fria como uma simples dicotomia ou cruzada entre o bem e o mal.

Sua análise da política internacional objetava-lhe a aceitação pura de regras ou lições universais para o trato de questões diplomáticas; inspirado pela história, observava com restrição a utilização de abstrações ou mesmo de analogias, de modo que lhe seria inadequado comparar o ambiente de ameaça do pós II Guerra com o do pós I Guerra, por exemplo.

Para ele, diplomatas e governos lidam com particularidades e singularidades, ou seja, realidades específicas, de sorte que, embora sendo ferrenho anticomunista, não acreditava no engajamento total contra um adversário possivelmente universal. Ao desconsiderar abstrações, ele consideraria a ideologia comunista como uma grande ilusão e, deste modo, uma decepção: *mutatis mutandis*, aplicaria a mesma concepção para o universalismo americano.

Por quê? Porque os Estados Unidos haviam sido fruto de uma singular experiência histórica, impossível de ser repetida ou seguida integralmente. Assim, a aplicação da contenção não poderia ser uma doutrina ou ideologia, mas uma postura adequada para uma determinada conjuntura internacional.

Deste modo, ser-lhe-ia impossível vislumbrar um mundo dicotômico, visto que o globo seria um

mosaico de nações, distintas em amplos graus, algumas das quais sem quase significado para a política internacional ou ao menos ocidental – decorre desta visão a oposição à Guerra do Vietnã.

A despeito da corrida armamentista e da presença mundial das duas grandes potências, ele acreditava que elas jamais se envolveriam diretamente em confrontação, nem seus aliados mais próximos, derivando de tal enfoque a ausência de necessidade de determinadas políticas de propaganda.

Se o uso de analogia fosse permitido, contenção seria o tratamento para anular ou eliminar uma doença: o comunismo. Para impedir seu espraiamento, seus alvos potenciais deveriam ser identificados e protegidos. Um dos remédios a serem utilizados seria o Plano Marshall, que, na Europa Ocidental, eliminaria o mal ou ao menos alteraria sua natureza para uma forma menos maligna, portanto mais inofensiva.

Naturalmente, apenas profissionais treinados – no caso, especialmente diplomatas – poderiam lidar com ele, de forma que outros setores, a despeito da vontade de colaborar, deveriam ser mantidos ao longe – a população e os políticos de modo geral.

A partir de tal perspectiva de mundo, Kennan acreditava que a União Soviética deveria ser confrontada apenas em determinadas áreas – o Vietnã não seria uma delas –, sem concordar com a prevalência da militarização permanente das alianças, refletida de modo incisivo na Europa e Japão – a tensão bélica para ele auxiliaria a permanência do regime comunista soviético. De acordo com ele, os sinais de fratura diplomática interna a partir dos anos 60 já indicavam a necessidade de que o regime comunista por si mesmo não se sustentaria.

Sua formação intelectual básica adviera-lhe ainda do otimismo de expansão do período da *belle époque*: passara parte da infância na Alemanha, aos cuidados de sua madrastra. Continuará seus estudos na escola militar de St. John's Northwestern e terminaria por bacharelar-se em Princeton, onde futuramente lecionaria.

Mais tarde, ingressaria no serviço diplomático e serviria na Suíça e Alemanha onde manifestaria

interesse pelo Leste europeu de forma que estudaria russo na Universidade de Berlim – poliglota, teria também fluência em francês, polonês, checo, português e norueguês, idioma de sua esposa.

Trabalharia na Letônia e, em 1933, com o estabelecimento das relações bilaterais com a União Soviética, comporia a equipe do Embaixador William C. Bullitt, que, década e meia antes, já havia entabulado, por determinação do Presidente Wilson, negociações secretas com o governo comunista, sendo favorável ao seu reconhecimento, apesar de seu anticomunismo.

Em sua vida acadêmica, sua postura seria a de portar-se como membro de uma cultura mais ampla, a ocidental, não como pertencente a algo mais específico, dado que não havia sido entusiasta do nacionalismo ou da autodeterminação desenvolvida – e fracassada – na esteira da tênue existência da Liga das Nações.

Internamente, nunca demonstraria entusiasmo pelos efeitos de uma sociedade de consumo de massas representada como o *american way of life* a expandir-se sem contrapontos: com tal ritmo, o país esgotaria seus recursos abundantes celeremente – um dos motivos da II Guerra do Golfo, por ele criticada também. Não se conformava com a ruptura dos grandes centros urbanos, desdobrados pelo surgimento de grandes subúrbios que, por seu turno, haviam sido possibilitados pelo advento de uma sociedade magnetizada por imagens automotivas.

Tudo isto representava apenas a ilusão de uma sociedade pretensamente igualitária sob o prisma de uma cultura de massas laicizada ao extremo e desfragmentada, sem respeito à hierarquia, tradição, estilo e expertise. Desta forma, como avaliar positivamente o papel da liderança internacional do país, especialmente após o fim da Guerra Fria?

O reflexo permanente disto seria a ausência de uma política externa sólida, com a conseqüente diminuição do Ministério das Relações Exteriores, constantemente afetado por disputas políticas internas e pressão indevida da opinião pública. Uma das saídas seria a constituição de um conselho de

Estado, formado pelos melhores quadros do país, acima de disputas partidárias. Naturalmente, um posicionamento de desencanto em relação à própria democracia norte-americana.

Por fim, em 1989, seria galardoado com a Medalha da Liberdade, a mais distinta condecoração civil do Poder Executivo, concedida pelo Presidente George Bush em face de suas contribuições acadêmicas e diplomáticas.



Como publicar Artigos em Meridiano 47

O Boletim *Meridiano 47* resulta das contribuições de professores, pesquisadores, estudantes de pós-graduação e profissionais ligados à área, cuja produção intelectual se destine a refletir acerca de temas relevantes para a inserção internacional do Brasil. Os arquivos com artigos para o Boletim *Meridiano 47* devem conter até 90 linhas (ou 3 laudas) digitadas em Word 2000 (ou compatível), espaço 1,5, tipo 12, com extensão em torno de 5.500 caracteres. O artigo deve ser assinado, contendo o nome completo do autor, sua titulação e filiação institucional. Os arquivos devem ser enviados para meridiano47@gmail.com indicando na linha *Assunto* "Contribuição para Meridiano 47".